

# Narrativas Orais de Histórias de Vida

ORAL NARRATIVES OF LIFE STORIES

**Priscila F. Perazzo**

Graduada em História pela Universidade de São Paulo (1990), mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (1997) e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (2002). Coordena o Laboratório Hipermídias de Comunicações Culturais da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. E-mail: prisperazzo@ig.com.br

Recebido em 30 de novembro de 2014. Aprovado em 26 de janeiro de 2015

## Resumo

Trata-se de apresentar a metodologia das Narrativas Orais de Histórias de Vida e suas relações com comunicação e inovação, considerando as narrativas orais dos sujeitos artífices da própria história, suas subjetividades e suas memórias. O objetivo é discutir como os relatos de histórias de vida, expressos pela narrativa oral do sujeito, podem ser objetos da comunicação e identificar o aspecto de inovação desse método na comunicação. Parte de uma discussão teórica da bibliografia e conclui que a subjetividade é o principal elemento inovador da comunicação nessa proposta metodológica.

**Palavras-chave:** Subjetividade. Narativas Orais. Histórias de Vida.

## Abstract

This is the methodology of Oral Narratives of Life Stories and their relationships with communication and innovation, considering the oral narratives of persons, leaders of their own history, their subjectivities and their memories. The aim is to discuss how the expressed oral narratives of life stories can be communication objects of studies and to identify the innovation aspect of this method. Starts with a theoretical discussion of the literature and concludes that subjectivity is the main innovative aspect of communication in this methodological proposal.

**Keywords:** Subjectivity. Oral Narratives. Life Stories.

## Introdução

Início essa reflexão com uma pergunta que me acompanha há alguns anos: qual o caráter inovador da pesquisa em comunicação a partir dos métodos das Narrativas Oraís de Histórias de Vida?

A partir das perspectivas da História Oral, como método de análise e como procedimento de coleta de dados, foi possível construir o conceito de Narrativas Oraís de Histórias de Vida ao longo dos doze anos de trabalho no Núcleo Memórias do ABC da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), que se propõe a reunir pesquisas e produção em comunicação e inovação que relacionem memória, história, cultura, subjetividades, linguagens, imaginários, mídias e novas tecnologias<sup>1</sup>. Foram, ao longo do tempo, somando-se os ensinamentos da história oral de vida e temática com o caráter comunicativo da memória, bem como da cultura e dos imaginários sociais, das perspectivas da constituição de discursos e das narrativas.

Os relatos pessoais são vistos como narrativas dos sujeitos, artífices da própria história. A oralidade consiste na expressão de lembranças desse sujeito que aciona a sua capacidade psíquica de rememorar, propriedade humana de conservar certas informações sobre o passado (LE GOFF, 2003).

Tomando-se então essa ideia, proponho nesse artigo uma reflexão sobre as possibilidades do método das Narrativas Oraís de Histórias de Vida para os estudos de Comunicação e Cultura. O que se pretende é discutir como os relatos de histórias de vida, expressos pela narrativa oral do sujeito, podem ser objetos da Comunicação ou constituírem-se em fontes oraís para estes estudos. E ainda, identificar o aspecto de inovação desse método na Comunicação, ou seja, o que as Narrativas Oraís de História de Vida, concebidas a partir das propostas de História Oral, podem significar como inovação na comunicação.

Parto, então, das questões: quais conceitos-chave balizam essa proposta metodológica? Que resultados podem ser obtidos a partir dessa prática teórico-metodológica? Qual campo de estudos da comunicação beneficia-se com essa metodologia? Qual é o elemento inovador da comunicação nesse processo?

## A História Oral como ponto de partida

O método da História Oral “parece estar plenamente consagrado como recurso valioso para variados estudos sobre vidas, sobre grupos sociais, sobre o presente”

---

<sup>1</sup> O Núcleo de Memórias do ABC da USCS existe desde 2003. Em 2011 passou a fazer parte do Laboratório Hiper mídias do PPGCOM da USCS. Pode ser visitado pelo link: <http://memoriasdoabc.uscs.edu.br>

(SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2013, p. 10). É nesse ponto que constatamos que a História Oral é uma importante metodologia para os estudiosos que se preocupam em investigar as possibilidades da comunicação, ou as possibilidades comunicativas da cultura entre grupos ou pessoas, na atualidade.

Diante de tantas e substanciais modificações nos processos comunicacionais no século XXI e o aumento dos objetos passíveis de estudo na área da Comunicação, tornou-se fundamental a ampliação de possibilidades metodológicas, buscando métodos transversalmente acionados nas diferentes Ciências Humanas e Sociais, como é o caso da História Oral como método de produção, coleta e análise de fontes de pesquisa.

A História Oral atravessa diversas áreas do conhecimento e perspectivas teóricas, em diferentes centros de pesquisa pelo mundo. São inúmeras as experiências na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Itália, no México, no Brasil, entre outros. Os estudos de Comunicação, recentemente, têm dado especial atenção a essa questão, que se associa aos estudos da memória como tema, objeto de estudo ou método teórico, ganhando cada vez mais a atenção dos estudiosos preocupados com as questões que envolvem a cultura, a recepção, as comunidades, as linguagens e as tecnologias. A metodologia da História Oral é considerada um campo interdisciplinar e está baseada na interação humana, que contempla as narrativas dos indivíduos/sujeitos sociais e que permite inovações e ampliações nos estudos da Comunicação.

Os métodos da História Oral oferecem um suporte metodológico nos estudos da memória e das narrativas orais de história de vida, e também possibilitam a compreensão de processos comunicacionais e sua intersecção com a cultura. Cada sujeito, ao narrar sua trajetória de vida, se revela uma testemunha e um artífice da história. Essas narrativas orais não são menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais. Não se busca a verdade, já que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade, uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e constrói sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo.

O sujeito e a cultura tornam-se fundamentais para a compreensão dos múltiplos sentidos, dos processos de comunicação e sua ligação com o cotidiano, com a memória e com as diversas práticas sociais. A abertura para pesquisas no campo da Comunicação que se aproximam da metodologia das Narrativas Oraís de Histórias de Vida – que fora concebida no Memórias do ABC/USCS a partir da reflexão sobre algumas concepções da História Oral – pode contribuir para a compreensão mais ampla da vida social e, consequentemente, das relações de comunicação e cultura articuladas pelos sujeitos narradores e artífices de suas histórias.

## O sujeito da ação histórica: o narrador

Com o advento dos estudos sobre as relações humanas e as sociedades, sob a perspectiva cultural, percebemos um deslocamento da noção de sujeito e da hierarquia dos fatos, destacando os pormenores cotidianos. Foi nessa perspectiva que se possibilitou um lugar especial da História Oral nos estudos sobre o passado, mas, sobretudo, sobre o presente, com vistas para o cotidiano das pessoas comuns, tornando legítimas as fontes orais, os relatos pessoais e os testemunhos. Assim, histórias do passado mais recente, sustentadas praticamente pelas operações da memória, alcançam uma extensão interdisciplinária (SARLO, 2007, p. 12), estendendo-se pelas esferas da comunicação, da política, das subjetivações, dos sentidos e dos afetos.

O sujeito é recolocado em cena, sendo valorizada a sua concepção de mundo e sua dimensão subjetiva. A inovação no processo comunicativo se inicia nas formas de investigação e nos resultados que são alcançados quando a pesquisa segue por esses caminhos, que contemplam o sujeito da ação e, com isso, sua subjetividade, articulando imaginários sociais, construindo identificações e revelando, por meio de sua narrativa de histórias de vida, formas de comunicação da cultura.

Beatriz Sarlo, escritora argentina, em seu livro *Tiempo Pasado* (2007) considera a tendência da academia e do mercado de bens simbólicos de, atualmente, reconstruir a textura da vida na rememoração da experiência, revalorizando o ponto de vista da primeira pessoa e reivindicando uma dimensão subjetiva, expandida nos estudos do passado e nos estudos culturais do presente. Essa perspectiva deriva de uma série de inovações, como a ideia de compreender o passado e atingi-lo a partir da perspectiva de um sujeito, conferindo à subjetividade um lugar privilegiado na ciência hoje, antes apenas reservado à literatura. Ou seja, podemos trazer ao discurso da ciência a “primeira pessoa do relato e do discurso indireto livre”, que podem ser chamados de “modos de subjetivação do narrado” (SARLO, 2007, p. 21).

Nesse sentido, peço licença à academia para escrever esse texto em primeira pessoa e, como se conversando com os leitores, tratá-los na segunda pessoa, ambos, escritor e leitor, sujeitos em ação nessa cena de reflexão teórica acerca da intriga<sup>2</sup> que aqui nos move: o caráter inovador da pesquisa em Comunicação a partir dos métodos das Narrativas Oraais de Histórias de Vida.

---

2 Como aquilo que pode ser usado por um autor para construir um enredo ou trama.

Beatriz Sarlo (2007) traz à tona a questão de como nos relacionamos com o passado para, em seguida, pensarmos em como a comunicação pode se apresentar como um caminho de aproximação entre o passado, o presente e o futuro.

Segundo Sarlo (2007, p. 10), o passado é sempre conflitivo, não é algo sobre o qual o sujeito pode convocar conforme sua vontade. O passado irrompe em nossas lembranças nos momentos que não esperamos e nem sempre será um momento de libertação das nossas memórias, mas sim uma advertência de nosso presente. Por isso a recordação precisa do presente, pois o único tempo apropriado para lembrar é o presente.

A irrupção do passado no presente é compreendida a partir de procedimentos de narração: “*Se recuerda, se narra o se remite al pasado a través de um tipo de relato*” (SARLO, 2007, p. 13), e não apenas se recorre ao relato, como não se pode prescindir dele (SARLO, 2007, p. 15). As modalidades não acadêmicas de escritura do passado o encaram de modo menos regulado, pelo método científico, levando-se mais pelas necessidades presentes, intelectuais, afetivas, morais ou mesmo políticas. Assim, fizeram maior uso das fontes testemunhais que os relatos acadêmicos e científicos, conquistando também as modalidades comerciais em circulação nas sociedades mediatizadas.

No entanto, há algumas décadas, historiadores e cientistas sociais, inspirados pela etnografia, deslocaram seus olhares de interesse científico para a literatura e culturas populares, para as estratégias do cotidiano e, sobretudo, para as subjetividades (SARLO, 2007, p. 17), ou seja, para os sujeitos nas suas relações particulares, mesmo que sociais, individuais, mesmo que coletivas e afetivas, mesmo que racionais. E, por isso:

Estos sujetos marginales, que habrían sido relativamente ignorados en otros modos de la narración del pasado, plantean nuevas exigencias de método e inclina a la escucha sistemática de los ‘discursos de memoria’: diários, cartas, consejos, oraciones (SARLO, 2007, p. 19).

Dessa forma, trazer a primeira pessoa do relato para a ciência pode significar uma inovação no trabalho acadêmico, que exige novos métodos para análise e interpretação de relatos de memória, constituídos como fontes de pesquisa, proferidos oralmente por sujeitos que se recordam do passado no presente e escolhem, a partir de quem são como sujeitos da história, o que querem relatar, contar e resgatar sobre si próprios e seu tempo.

Toda recordação, assim, se manifesta no presente desse sujeito em uma cadeia multidirecional, enfatizando o ato de lembrar nomes e ações. Contudo, isso não significa conceber a memória como uma simples base de dados, mas dados apontados no ato de recordar, que se trata de uma ação muito mais profunda que a aparente tarefa de memorizá-los (VERGARA, 2004, p. 29).

Na narrativa oral, quando o narrador é entrevistado e se sente obrigado a contar o que os outros querem que ele conte, normalmente ele recorre ao esquecimento: “Não me recordo”, é sua resposta à pergunta do entrevistador. Ao narrador oral não interessa convencer seu ouvinte como deve fazer um orador. A esse narrador interessa que adentremos em sua história, fazer com que seus ouvintes vivam o que os personagens de seu relato viveram (VERGARA, 2004, p. 33). Por sua vez, quando esse mesmo narrador tem a iniciativa de contar uma história, ele mesmo procura fios condutores pelos quais pode tecer a trama que quer relatar. Se ele não consegue memorizar os detalhes exatamente como gostaria de lembrar, utiliza-se da capacidade humana de imaginar ou inventar coisas, combinando inteligência e habilidade com seus conhecimentos e meios dos quais dispõe. O texto se transforma por motivos e por estratégias da sua própria constituição, pois o texto oral se estende para além das palavras de seu narrador, mais além da própria presença do enunciador (VERGARA, 2004, p. 30 e 33). Essa perspicácia do narrador é que propicia a construção da narrativa oral, pela qual se percebe, então, que é ele quem delibera sobre a constituição dos dados com os quais o pesquisador deverá trabalhar. Para que nós, pesquisadores, não sejamos reféns das intenções do narrador, é preciso que se constitua um método de interpretação desses dados, pautado no conhecimento das formas como se dão as narrativas, das escolhas que o narrador pode fazer para selecionar o que contar, advindos da compreensão da cultura, da memória e do imaginário desse sujeito. É nesse sentido que o método das Narrativas Oraís de Histórias de Vida não pode prescindir da compreensão das subjetividades, dos sentidos que o sujeito da ação, como agente da sua própria história e narrador oral, atribui às histórias que conta.

## O caráter comunicativo da memória e da cultura

Nesse momento, aproximo as Narrativas Oraís de História de Vida ao campo dos estudos de Comunicação. Mas de que comunicação quero tratar? Para essa reflexão, recorreremos a Jesús Martín-Barbero (2004, p. 212) que já há algum tempo vem propondo a desterritorialização do campo da Comunicação, chamando-nos a percebê-la como transdisciplinar, uma vez que encerra possibilidades que podem atravessar e serem atravessadas por outras disciplinas, fazendo frente ao pensamento instrumental e linear, “para desenhar um novo mapa de problemas em que caiba a questão dos sujeitos e das temporalidades sociais”.

Emerge a necessidade de pensar o sujeito e a sociedade, relacionando-os às expressões da cultura e às suas possibilidades comunicativas. Segundo Martín-Barbero

(2014, p. 7), a comunicação tem uma presença articuladora e estratégica na sociedade atual. A comunicação, exercício de relacionamento, expressa-se por diferentes linguagens e como tal organiza as formas do estar junto social. É nesse sentido que ao entrever mediações religa-se a palavra à ação. “Há comunicação quando a linguagem dá forma à conflituosa experiência do conviver, quando se constitui em horizonte de reciprocidade de cada homem com os outros no mundo. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 29). Por isso a comunicação deve estar mais no nível das mediações, se interpondo entre linguagem e ação, articulando os modos de estar juntos. A comunicação permite “a configuração de um novo espaço público e de cidadania nas e a partir das redes de movimentos sociais e de meios comunitários, como o espaço de cidadania que tem feito o possível (...)” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 9). Mas

...comunicar exige alteridade e impõe uma distância. A comunicação é ruptura e ponte: mediação. Entre dois sujeitos, por mais próximos que se sintam, está o mundo em sua dupla figura de natureza e história. A linguagem é o lugar do cruzamento de ambos: enraíza o homem na terra, sobre a qual os homens forjaram a língua (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 30).

Por isso é possível pensar a comunicação a partir da cultura (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 21). Hoje vivemos o tempo do apagamento das fronteiras entre disciplinas. Apagamento também das fronteiras que separavam o conhecimento da informação e separavam o conhecimento do saber comum (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 84). Sendo assim, vivemos o tempo em que os saberes provêm da experiência social e das memórias coletivas (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 86).

Comunicar significa, então,

compartilhar a significação, participar é compartilhar a ação. A educação pode ser o lugar decisivo de seu entrecruzamento. Mas para isso deverá se converter no espaço de conversação dos saberes e narrativas que configuram as oralidades, as literalidades e as visualidades (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 78).

Dessa perspectiva, pensamos também o caráter comunicativo intrínseco na memória. Segundo Jacques Le Goff (2003, p. 420-421), os “fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que resultados de sistemas dinâmicos de organização”. O ato de rememoração fundamental é o “comportamento narrativo” (JANET *apud* LE GOFF, 2003, p. 421), pois a narrativa da lembrança nada mais é que uma forma de comunicar a outro uma informação “na ausência do

acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (LE GOFF, 2003, p. 421). A linguagem e, nesse caso, a narrativa oral do sujeito, são possibilidades de armazenamento da memória, por um lado, e de sua expressão e materialização, por outro.

Le Goff (2003) ainda nos ensina que a memória é a quinta operação da retórica. A primeira é a *inventio*, ou seja, encontrar o que dizer; em seguida, é necessário colocar em ordem o que se encontrou, o que vai se dizer (*dispositivo*), depois recitar esse discurso, já ordenado. Esse recitar requer códigos e linguagens próprias. Nas Narrativas Oraís a linguagem falada pela pessoa a obriga a buscar vocabulário próprio, organizar seu discurso de acordo com seus valores, sua forma de ver o mundo, sua constituição cultural (crenças, valores, hábitos) e sua história de vida (de onde veio, como se formou, quais suas trajetórias, por onde passou e com quem conviveu). Enfim, após a elaboração de todos esses elementos, o sujeito que conta a história se remete ao passado, ao que foi e ao que fez, à sua história de vida. E nessa relação entre a narrativa do passado e a lembrança do mesmo, se dá e se encontra a sua memória.

Assim, a memória não é a história, a memória não é o vivido. A memória é o meio pelo qual nos relacionamos com o passado. As narrativas das histórias de vida, consideradas como expressões da nossa memória, são as nossas propriedades de conservar certas informações, que nos remetem a “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419).

Eis que o passado não existe. Só existe em nossas representações, só existe em nossa memória. Só se expressa se houver um forma de relato. É o sujeito da ação quem pode relacionar-se ao seu passado. Dessa forma, as Narrativas Oraís de Histórias de Vida concernem à ação comunicativa do relato (ou da retórica), por meio da organização de informações possibilitada pela memória e expressa pela oralidade de um sujeito em cujas experiências passadas estejam.

A memória atua como o mecanismo que permite ao narrador armar uma rede de sentidos necessária para ele manufaturar a narrativa. Ela opera como mecanismo fundamental da representação, pois o narrador se recorda baseando-se em certas fórmulas que ativam o processo da memória, que é essencial para constituir a maneira dessa pessoa perceber, entender e organizar o mundo discursivamente (VERGARA, 2004, p. 43, 45 e 47). Pois, assim, o desejo da memória nos leva a descobrir múltiplos caminhos do passado como recordação e como esquecimento. A memória não trava uma luta com o esquecimento, mas se move na direção da verdade que emerge do relato. A memória é o protótipo temporal de toda a narração (VERGARA, 2004, p. 31).

## Comunicação, cultura e inovação

“O lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para espessar-se, adensar-se e converter-se em estrutural” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 79).

As atuais dimensões da tecnologia da comunicação vêm permitindo “novos modos de *percepção* e de *linguagem*, a novas sensibilidades e escrituras”. A “sociedade da informação” é “aquela em que o desenvolvimento econômico, social e político encontra-se intimamente ligado à inovação, que é o novo nome da criatividade e da invenção” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 79).

As Narrativas Oraís de Histórias de Vida podem contribuir para a emergência daquilo que Martín-Barbero (2014) chama de “acelerada reconfiguração comunicativa dos saberes e narrativas, em especial os saberes e narrativas emergentes”. É a partir desses saberes que “se torna possível vislumbrar e assumir a envergadura cultural das mutações que atravessa a sociedade-mundo na alvorada deste desconcertado e desconcertante segundo milênio” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 15).

A expressão narrativa do sujeito a partir de um relato traz à tona a oralidade e a necessidade da articulação do falar. Mas, “falar não é somente se servir de uma língua, mas pôr um mundo em comum, fazê-lo lugar de encontro. A linguagem é a instância em que emergem mundo e homem ao mesmo tempo. E aprender a falar é aprender a dizer o mundo, a dizê-lo como os outros, a partir da experiência de *habitante da terra*, uma experiência acumulada através dos séculos” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 30).

Nos diz Jesús Martín-Barbero que

foi a mistura de Gramsci com [Paulo] Freire que ensinou a pensar a comunicação, ao mesmo tempo, como processo social e como campo de batalha cultural. E é por isso que creio estar fazendo justiça ao pensamento latino-americano inovador na comunicação [...] (2014, p. 21)

O autor relaciona o “nível das estruturas, a passagem obrigatória pelas formas objetivas em que a linguagem articula o sentido da ação”, o nível dos sujeitos no qual a ação e a palavra se entrelaçam fazendo surgir a experiência, transformando-o em ator e autor e o “nível das mediações, a linguagem e a ação enquanto modos de estar no mundo” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 21) para demonstrar como se articulam as relações no “pensamento inovador latino-americano”. Também podemos perceber como esses três níveis se apresentam nas Narrativas Oraís de Histórias de Vida, uma vez que tais relatos são a própria linguagem do sujeito que narra, a partir de sua ação, tanto como experiência

vivida e reconstituída como lembrança, quanto a ação de narrar, comunicando-se por meio da expressão da sua cultura e da sua memória, vistas como mediadoras do sujeito e da ação. São as Narrativas Oraís de Histórias de Vida, contadas pelo sujeito (da ação) as mediadoras entre ele e o seu próprio mundo.

Quando os estudos em Comunicação passam a se preocupar com o cotidiano, com o sujeito em sua individualidade, com as experiências particulares, de pequenos grupos em determinadas localidades bastante circunscritas, voltam-se para a dimensão da crônica da vida cotidiana. Segundo Ecléa Bosi (2003), a “memória oral é um instrumento precioso pelo qual desejamos constituir a crônica do cotidiano (sic)”. Por ela faz-se “intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a maior riqueza”. Por sua vez, não podemos deixar de relevar que as testemunhas orais não são mais autênticas que as fontes oficiais e que a memória coletiva tem sua força ideológica, pois é constituída por um grupo social que, produzida no seu interior, também se articula, da mesma forma que se alimenta, das imagens, dos sentimentos, das ideias e dos valores desse grupo, dessa época, dessa localidade (BOSI, 2003, p. 17-19). No entanto, essa discussão, que muito contribui os escritos de Maurice Halbwachs (1990), não cabe nos propósitos desse texto, mas que não estão desconhecidos de nosso trabalho com as Narrativas Oraís de Histórias de Vida.

Retomando, “a memória é um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2003, p. 53). Assim, as Narrativas Oraís de História de Vida constituem-se em um método para se trabalhar com o passado dos indivíduos, com o cotidiano e com as micros experiências sociais. Mas também é um método que nos permite compreender como as pessoas pensam, porque fazem ou fizeram suas escolhas na vida, que posição social assumiram. Por isso, é um método que nos permite compreender as subjetividades. E dessa forma, nos permite trazer para a ciência as dimensões dos sentidos, dos sentimentos e das mentalidades, que antes eram apenas dos domínios dos relatos literários e das crônicas. “O desordenamento dos saberes e as mudanças no modo de narrar” ... “colocando em um lugar estratégico o alargamento dos modos de sentir e de pensar” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 77), possibilitando, portanto, a comunicação dessas pessoas com seus mundos.

## Considerações finais

Concluo aqui o texto, mas, talvez, não minhas reflexões. Retomo meu diálogo com o leitor, nós como sujeitos da ação e em ação e diálogo. Revejo minhas perguntas e arrisco minhas respostas.

Os conceitos que balizaram essas reflexões estão no campo da memória, da oralidade, das subjetividades e da cultura. Os resultados que podem ser obtidos a partir dessa prática teórico-metodológica em pesquisas em Comunicação estão relacionados às possibilidades de o pesquisador poder compreender o mundo social, os sentidos que os sujeitos atribuem a si e às coisas e às outras pessoas na cena em que atuam. Por essa metodologia podemos compreender quem são as pessoas, como vivem, porque fizeram suas escolhas e seus caminhos, como pensam e como sentem. É certo que o campo das linguagens e o da sociedade se beneficiam dessa metodologia que tem na subjetividade o principal elemento de inovação na comunicação.

## Referências

- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed. Dos Tribunais, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na Educação*. São Paulo: Contexto: 2014.
- SANTHIAGO, Ricardo & MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (orgs). *Depois da Utopia*. A História oral em seu tempo. São Paulo: Letra e Voz, 2013.
- SARLO, Beatriz. *Tiempo Pasado*. Cultura de la memoria y giro subjetivo. Uma discusión. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2007.
- VERGARA, Glória. *Palabra em movimiento*. Principios teóricos para la narrativa oral. México-DF: Editorial Praxis/Universidad Iberoamericana, 2004.